

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: "Mundo na sala de aula", Segunda Temporada

Episódio 12 – Epidemias e seus remédios

Revisão da transcrição: Janaína Aleixo (Unicamp) e Soraya Fleischer (UnB)

Legendas

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

Música de abertura: "Mudernage", de Ellen Oléria

Arthur: Oi pessoal! Meu nome é Arthur Ulhôa, sou estudante de Antropologia pela Universidade de Brasília. E estou aqui hoje aqui acompanhado pelo meu colega Pedro. Fala aí Pedro!

Pedro: Oi Arthur, oi pessoal! Meu nome é Pedro Ribas, sou mestrando em Antropologia pela Universidade de Brasília. É um prazer estar aqui com vocês!

Arthur: Estamos aqui hoje apresentando mais um episódio da segunda temporada da série Mundo na Sala de Aula. Essa série é produzida por estudantes para estudantes, e nessa segunda temporada vamos falar sobre alguns trabalhos de conclusão de curso de graduação em Antropologia.

Pedro: São TCCs recentes, de 2020 e 2021, e da UnB e da Unicamp, já que o Mundaréu e o Mundo na Sala de Aula são fruto de uma parceria entre estas duas universidades.

Arthur: A gente quer conhecer o que essas nossas colegas têm produzido; aprender com as histórias delas, pegar umas dicas de como escrever um TCC. E saber né, como foi essa experiência de fazer pela primeira vez uma pesquisa autoral. No episódio de hoje, vamos conversar com a nossa queridíssima amiga Ana Cláudia Knihs, que produziu o trabalho intitulado: "*Se você abrir o armário do meu filho, só tem remédio*": Reflexões antropológicas sobre os medicamentos no cenário da Síndrome Congênita do Zika Vírus em Recife/PE. Esse trabalho foi orientado pela professora Soraya Fleischer. Bem-vinda Ana!

Ana: Oiê! Eu sou a Ana Cláudia, eu me formei em Antropologia na UnB no final de 2020, apresentei meu TCC em setembro. E agora eu tô pra começar o mestrado em Antropologia também, na UFSC, lá em Santa Catarina.

Pedro: Ana, é um prazer ter você aqui. Muito obrigado por aceitar o nosso convite e participar desse episódio com a gente!

BLOCO ÚNICO (Entrevista, perguntas e respostas)

Música: "Eu Sou Lia Minha Ciranda Preta Cirandeira", de Lia de Itamaracá

Eu sou Lia da beira do mar

Morena queimada do sal e do sol

Da ilha de Itamaracá

Ana: O cenário do meu TCC, ele se passa lá em Recife, que é a capital de Pernambuco. Em 2015 e 2016, principalmente, foram muitas as notícias em jornais, televisão, na internet, na mídia, né, sobre a grande quantidade de crianças que estavam nascendo com microcefalia, principalmente nos Estados do nordeste do Brasil. Alguns meses depois, descobriram que essa microcefalia, ela fazia parte, na verdade, ela era um dos sintomas do que a ciência começou a chamar de síndrome congênita do vírus Zika.

Esses sintomas que as crianças tinham eram tratados, né, para dar qualidade de vida para elas e bem-estar também pra elas e pras famílias e pras mães. Eles eram tratados com vários tipos de terapias e com fisioterapeutas e com vários tipos de medicamentos também, receitados pelos médicos. Eram medicamentos anticonvulsivos, antiespasmódicos, tinham os pro pulmão, que eram chamados de broncodilatadores, relaxantes musculares, enfim vários tipos.

E no TCC eu penso sobre como os medicamentos estão nesse cenário da síndrome: como que eles eram receitados, quem que receitava, como eram as vidas, a farmácia do estado, como as mães foram se apropriando de todo esse conhecimento sobre o medicamentos, afinal, eram elas quem administravam os medicamentos para as crianças. Elas manjavam muito das bulas, das dosagens, dos preços. Muitas eram bastante críticas aos medicamentos e falavam bastante dos efeitos colaterais deles. E muitas optavam por usá-los principalmente para diminuir a quantidade de crises convulsivas que as crianças tinham. Eles eram muita baita questão que sempre aparecia, era muito recorrente nas falas das mães, no contexto das vidas delas e das crianças.

Arthur: E Ana, como foi fazer pesquisa de campo em outra cidade? Sair de Brasília e passar um tempo em Recife?

Ana: A experiência de fazer pesquisa de campo em Recife foi muito marcante pra mim, por vários motivos. Primeiro porque eu acho que essa experiência, essa parte da pesquisa de campo é uma experiência bem solitária, mas pra mim, eu saí aqui de Brasília no avião já junto com a Soraya, então desde o começo já foi muito legal ter a Soraya ali do lado, sei lá, a gente já foi discutindo, pensando em quais perguntas podia fazer, ela já foi me dando várias dicas e me deixando muito menos nervosa com essa etapa toda de conhecer pessoas novas e de abordar elas e de tá indo pra um lugar novo. Então eu já tive todo esse apoio mesmo desde a hora que a gente entrou no avião.

Chegando em Recife a gente fez toda essa parte de pensar na agenda, de ir pros compromissos com as mães junto com a Raquel também. Raquel é uma grande antropóloga, na época ela tava fazendo mestrado na UFPE, hoje em dia ela já é mestra, e a gente fazia as programações juntas, então foi muito massa ter o apoio delas que já conheciam as mães, que já tinham uma boa relação de super amizade com todas, pra eu ficar até menos insegura de, sei lá, fazer perguntas de, de, me aproximar assim mesmo, porque pra mim era tudo muito novo. Mas foi legal ter esse apoio das duas que já conheciam de muitos anos né, tanto a cidade quanto essas famílias, então essa parte foi muito massa.

Além disso a gente teve o financiamento do CNPQ, o DAN aqui, o Departamento de Antropologia da UnB também, então as passagens de avião foram pagas com esse financiamento, as diárias do que a gente tinha que gastar lá por dia de transporte público, mas também de almoço, as vezes a gente pegava uma marmitinha e almoçava ali rapidinho ou comia num self service ali perto do hospital e voltava pra encontrar as mães, então toda essa parte foi paga com o financiamento público e foi isso que permitiu a gente ficar tanto tempo lá e foi o que permitiu a gente fazer toda essa pesquisa mesmo então toda essa parte foi um privilégio assim.

Além disso, foi muito massa a parte da pesquisa de campo. O que me surpreendeu lá foi a diversidade de lugares que a gente conhece mesmo, a gente pôde abarcar muitos compromissos que as mães chamavam a gente que às vezes eram dois convites, três convites para o mesmo dia, então como a gente tava em grupo, a gente ia se organizando pra se dividir, então tinha dias que ia eu e a Raquel pra visitar uma das creches onde uma das crianças estava matriculada, e a Soraya ia acompanhar uma fisioterapia que outra mãe tinha convidado. Então foi massa que a gente foi se dividindo assim, a gente conseguiu acompanhar assim, a gente criou um ritmo juntas que foi muito legal e a gente conseguiu pegar uma diversidade de lugares, de conversas, de histórias que foi muito rica, então foi muito massa essa parte de fazer a pesquisa lá junto com a Raquel e a Soraya.

Pedro: Me lembro muito bem dessa época, a gente escreveu nossos TCCs ao mesmo tempo. Você foi a primeira a defender. Me conte, como você se preparou para a defesa? E como foi sua interação com a banca?

Ana: Na semana da defesa eu estava muito nervosa, eu me tremia só de pensar. Mas eu acho isso muito normal. Acabou sendo muito muito bom. Quem estava na banca...quem leu o texto foi a Rosana Castro e ela é muito expert no tema dos medicamentos, a tese de doutorado dela foi sobre isso e ela foi premiadíssima. A dissertação de mestrado dela também foi sobre medicamentos, então ela já estuda isso a muito tempo. E ela teve comentários muito incríveis, que me ajudaram muito e foram muito bons. Além disso, a Rosana é muito massa, então ela foi gentil comigo. Eu fui ficando muito mais nervosa depois que tinha começado. Soraya também foi muito fofa, a dica que ela deu foi: “anote todos os comentários, e não foque só nas críticas, anote também os elogios”. Isso foi muito legal! Realmente eu acho que a gente tem a tendência de olhar só pras críticas. Eu estava com pessoas muito boas e acabou sendo ótimo.

Eu estava nervosa no começo mas eu tinha preparado slides e tinha preparado um textinho com os principais pontos que eu queria falar. Eu também tinha treinado bastante, tinha ligado para várias amigas por Skype e ficava treinando com elas e no final acabou rolando e foi ótimo! As perguntas foram muito boas e foi legal ver também assim... eu estava muito nervosa antes de saber quais eram as perguntas, mas foi legal porque quando a Rosana começou a perguntar e eu comecei a articular a resposta, eu vi que na real eu sabia do tema, porque eu tinha escrito o trabalho. Então foi legal assim, ver como fluiu no final das contas, foi ótimo.

Arthur: Bom demais isso! E afinal, quais são alguns dos principais resultados da sua pesquisa? Nos conte sobre seus aprendizados.

Ana: O TCC foi um dos resultados da participação, do convívio, da participação e dos aprendizados todos que eu tive com o grupo de pesquisa sobre a síndrome. Esse grupo era coordenado pela professora Soraya. E eu conhecia muito pouco (sobre a zika): tinha visto algo no jornal, tinha lido uma matéria ou outra, mas eu só fui realmente ter acesso às formas de cuidado, todas as discussões que essas mães traziam sobre os recortes de raça e classe das famílias afetadas, de gênero também, de quem eram as cuidadoras, só a partir da leitura do diário de campo das minhas colegas de grupo e também da Soraya.

Como a pesquisa já existia desde 2016 e eu só fui entrar em 2018, dois anos depois, e eu só fui colocar o pezinho em Recife em 2019, essa temporalidade foi importante para o trabalho. Deu para ver como as narrativas sobre os medicamentos naqueles cenários foram mudando a partir das experiências das mães, pelo seus cuidados com as crianças, pela relação com os médicos e farmacêuticos e com a burocracia também. Isso tudo (a documentação do grupo) fez toda a diferença na hora da escrita (da minha pesquisa).

Outra coisa que foi um dos resultados importantes eu só fui perceber em 2019: a quantidade de medicamentos que apareciam nas narrativas das mães. Muitas delas usavam remédios para tratar a dor de cabeça, dor nas costas, sintomas de ansiedade e depressão - todos ligados ao cansaço. No texto,

eu analisei essas falas a partir da observação da saúde mental dessas cuidadoras. Todo esse cuidado muito intenso, de uma rotina muito intensa: entre itinerários de terapia das crianças, ônibus e transporte público, às vezes elas ficavam várias horas esperando as consultas. Tudo isso impactava a saúde delas e esse impacto era perceptível pelo uso e demanda de medicamentos e grupos de saúde mental.

FECHAMENTO

Música: “Eu Sou Lia Minha Ciranda Preta Cirandeira”, de Lia de Itamaracá

Pra se dançar ciranda

Juntamos mão com mão

Formando uma roda

Cantando uma canção

Pedro: Arthur, eu adoro o trabalho da Ana. Acompanho a trajetória dela desde muito tempo e aprendo demais com cada notícia e relato que ela me conta. Eu conheço ela desde que entramos na UnB (até mesmo antes disso, fizemos o jardim de infância juntos) e sei o quão importante foi o projeto de iniciação científica, PIBIC, para ela. É uma trajetória interessante pra pensar em como entrar no TCC. Muitas vezes são esses projetos de pesquisa e extensão, ou outras coisas que a gente experimenta na graduação que abrem portas e nos ajudam a começar a pensar em um tema e a conhecer um campo. Muitas vezes esses caminhos são traçados ao acaso e quando refletimos sobre eles podemos aprender muito. É legal falar isso para valorizar esses projetos que rolam na graduação, que às vezes não damos muita bola mas no final são muito importantes pra nossa graduação.

Arthur: Sim, super concordo. E um outro ponto que me chamou muita atenção nas falas da Ana foi a própria pesquisa de campo que ela fez. Achei muito legal essa experiência de trabalhar com uma equipe e ser financiada pelo CNPQ e pelo departamento de antropologia da UnB. E como esse apoio foi importante para aliviar as muitas inseguranças que a pesquisa gera, principalmente uma pesquisa nova. Eu imagino que não deve ser fácil ir pra um lugar novo, encontrar gente nova e fazendo uma coisa nova, isso cria muitas angústias pra quem está começando a fazer pesquisa. É muito massa ver como que é a dinâmica de uma equipe na antropologia, que, como a experiência da Ana nos mostrou, pode se dividir para acompanhar diferentes interlocutores, lugares e eventos ao mesmo tempo, e depois refletir juntas com base em uma diversidade de perspectivas. E as conclusões dela foram superinteressantes, como por exemplo essa questão de que o uso de medicamentos extrapolava o tratamento da síndrome do zika e acabava fazendo parte de um contexto de medicamentação muito maior, relacionada com várias questões sociais. Achei muito forte como que principalmente as mães são afetadas nesse processo, e como os remédios são muito utilizados por elas também.

ENCERRAMENTO

Música: “Mudernage”, de Ellen Oléria

Pedro: Então é isso pessoal, chegamos ao fim desse episódio, espero que vocês tenham gostado de conhecer e ouvir sobre a pesquisa da Ana.

Arthur: Queremos agradecer imensamente a Ana Claudia Knihs, ao Pedro por me acompanhar na apresentação desse episódio, a toda a equipe do Mundaréu em Brasília e em Campinas, especialmente a Soraya Fleischer e Daniela Manica pela coordenação deste projeto.

Pedro: Até a próxima!!

[fim da música]